

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Joyce Mirella Alves de Souza

**LÉSBICAS SABEM AMAR? EXPERIÊNCIAS DE LESBIANIDADE EM SÉRIES DA
NETFLIX**

JUIZ DE FORA

2022

Joyce Mirella Alves de Souza

**LÉSBICAS SABEM AMAR? EXPERIÊNCIAS DE LESBIANIDADE EM SÉRIES DA
NETFLIX**

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal de Juiz de
Fora, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciatura em História

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda do
Nascimento Thomaz.

JUIZ DE FORA

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata a mim e ao meu processo de construção da minha lesbianidade. Não foi fácil o caminho até aqui. A necessidade de sobrevivência me fez mais forte, e a vontade de viver me fez lésbica.

Agradeço a minha tia Conceição, quem esteve comigo todos os dias durante esses 5 anos de faculdade. Juntas compartilhamos nossas dores e inseguranças, e também as nossas alegrias e conquistas do dia-a-dia. Você é a mulher que, além de me apoiar durante esse período, me apoiou em toda a minha vida, me fazendo acreditar que eu sou capaz de alcançar meus objetivos. Sem você não teria sido possível chegar onde cheguei. Quero que saiba que você é o meu exemplo de vida, é o meu exemplo de mulher, forte, batalhadora e independente. O seu amor me salvou e me salva todos os dias.

Sou grata aos meus pais, que também batalharam para que fosse possível eu estudar. Sem a ajuda de vocês teria sido muito difícil me manter dentro da universidade. Ao meu irmão Guilherme, por todo carinho e afeto, mesmo não estando tão próximos. Agradeço também a minha tia Suely e minha avó Maria, duas mulheres que sempre acreditaram em mim e me apoiaram. Obrigada por todo carinho e consideração.

Agradeço a minha companheira Jéssica por todos os momentos juntas, em que você me apoiou e também me ajudou acreditar que é possível fazer um trabalho como o que eu fiz. Nesse mundo em que a solidão muitas vezes nos dilacera enquanto mulher e lésbica, ter você na minha vida me deu forças para continuar. Nossa relação é um dos motivos que me fez querer denunciar a forma que o amor entre duas mulheres é visto pela sociedade. Pois as pessoas precisam saber como esse amor é libertador, assim como amar você foi libertador pra mim.

Gratidão a todas as minhas amigas, lésbicas, que todos os dias me fazem acreditar que a vida foi feita pra viver, e que os laços afetivos entre mulheres são poderosos e revolucionários. Sou grata a Flaviana por ter me apresentado as teorias lesbofeministas, isso transformou completamente a minha vida. Agradeço a Paula e a Ana Flávia, duas sapatonas incríveis que foram e são uma inspiração pra mim. Vocês aquecem o meu coração todos os dias, e me fazem perceber que é possível uma existência lésbica em que a solidão não seja uma sentença.

Por fim, quero agradecer a minha orientadora Fernanda Thomaz. Obrigada por acreditar na minha pesquisa e no meu potencial. Você é uma inspiração, tanto como professora e pesquisadora, como mulher. Te admiro muito.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo compreender e problematizar a maneira como as experiências de mulheres lésbicas e bissexuais são representadas em algumas séries da Netflix. Para fazer esse movimento de reflexão, utilizo como base os estudos teóricos do lesbofeminismo e o conceito de Pedagogias Culturais. Os títulos escolhidos como objeto de análise são: *I'm not ok with this*, *Gatunas* e *Feel Good*. A partir dessas três séries, busco colocar sob suspeita as formas como personagens lésbicas e bissexuais são retratadas nessas narrativas, uma vez que suas experiências são atravessadas por uma série de questões problemáticas que distorcem a vivência lésbica, e afasta a lesbianidade como um possível modo de ser e estar no mundo para outras mulheres.

Palavras chave: Experiências de lesbianidade. Heterossexualidade compulsória. Pedagogias Culturais. Séries da Netflix

ABSTRACT

This monograph aims to understand and problematize the way in which the experiences of lesbian and bisexual women are represented in some Netflix series. To make this movement of reflection, I use as a basis the theoretical studies of lesbian feminism and the concept of Cultural Pedagogies. The titles chosen as the object of analysis are: *I'm Not Ok With This*, *Gatunas* and *Feel Good*. From these three series, I seek to suspect the ways in which lesbian and bisexual characters are portrayed in these narratives. Since their experiences are crossed by series of problematic issues that distort the lesbian experience, and distance lesbianism as a possible way of being in the world for other women.

Keywords: Lesbian experiences. Compulsory heterosexuality. Cultural Pedagogies. Netflix series

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ÀS MULHERES QUE ME FALTAM -----	7
CAPÍTULO 1: POR QUE A NOSSA EXISTÊNCIA É CONTADA A PARTIR DE PROBLEMAS? -----	12
1.1 Como somos vistas?-----	13
1.2 O estereótipo da mãe ausente-----	15
1.3 Problemas emocionais e conflitos familiares-----	19
CAPÍTULO 2: “SERÁS HÉTERO OU NÃO SERÁS”. RELACIONAMENTOS AMOROSOS E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA -----	24
2.1 O que é a Heterossexualidade compulsória?-----	25
2.2. Os problemas nos relacionamentos amorosos-----	31
2.3 Relações lésbicas: A festa da instabilidade emocional-----	32
2.4 Como você sabe que é lésbica se nunca tentou com um homem?-----	35
2.5 Você quer uma namorada ou uma mãe?-----	37
2.6 Nós sabemos amar sim!-----	39
Conclusão-----	42
Referências bibliográficas-----	44

INTRODUÇÃO: ÀS MULHERES QUE ME FALTAM

Me faltaram Mulheres
Me faltaram e me faltam mulheres
E quanto mais eu constato essa falta
Maior é o vazio que sinto
Na minha casa se fez uma fenda
Assim que eu tirei a venda dos meus olhos
E vi o quanto eu sentia falta de mulheres
E quanto mais eu sinto essa falta
Maior é o espaço que eu preciso preencher

Mas veja bem. Antes eu nem sabia que essa falta existia
E ela sempre esteve ali
No dia que eu vi um filme e não me vi
No dia que eu não achei meus seios bonitos
No dia que eu não abracei a minha vó
No dia que eu não fiz o trabalho em grupo com as meninas da minha turma

Eu vivia solta, livre como um pássaro de asas quebradas
mas agora que eu comecei a preencher toda essa falta
Eu mesma consertei as minhas asas
desde que percebi que só eu mesma seria capaz de ser a minha casa
E agora eu sei o quanto eu preciso ser muito
porque as mulheres que me faltam
estão dentro de mim, pedindo para sair
e é preciso ter espaço pra elas
porque elas são grandiosas

Essas mulheres me faltam porque eu não fui ensinada a amar meu corpo
mas sou autodidata, e eu mesma aprendi esse amor
Essas mulheres me faltam porque eu fui ensinada a completar os pedaços que faltavam nos outros
Mas agora eu reivindico todos esses pedaços de volta
E eu reivindico todos os espaços que disseram que não eram pra mim
Eu reivindico todos os espaços que disseram que não haviam outras como eu

Me faltaram mulheres lésbicas, pra eu acreditar que faço parte desse mundo
E por me faltar tanto, e eu não saber que faltava, eu mesma não completei essa falta
Mas agora eu sei
e a melhor parte é que eu percebi que tudo que me faltou nessa vida
e tudo que eu sou
Mulher, lésbica, que se ama, e que ama outras mulheres

Eu preciso ser muito todos os dias para ser minha própria casa
Eu preciso ser minha própria casa
Eu sou minha própria casa
E eu reconstruí cada cômodo dessa casa
para que agora não haja nenhuma fenda
Para que além de minha, ela seja morada de muitas outras mulheres
Das mulheres que me dão a mão na luta diária
Das minhas amigas
Das minhas ancestrais
Das minhas amantes

Eu sei que eu preciso ser muito para ser tudo que me falta
mas eu sou tudo que preciso
Mulher, lésbica, que se ama, e que ama outras mulheres

Essa poesia acima é de minha autoria. Escrevi ela aproximadamente no mesmo período que eu decidi escolher esse tema de pesquisa para a minha monografia. Fiquei pensando muito se deveria ou não colocar ela aqui, e lembrei das palavras de Audre Lorde dizendo que a poesia não é um luxo (LORDE, 2019). Assim como as denúncias que faço sobre o silêncio nesse trabalho, também as faço através da poesia. Por isso não é um luxo, é uma forma de resistência, uma maneira de sobreviver a um sistema que nunca planejou que ficássemos vivas.

Sendo assim, por isso eu decidi colocar essa minha poesia aqui, porque ela diz muito sobre o que me motivou a fazer essa pesquisa. Escrever sobre mulheres lésbicas têm sido a minha maneira de lutar por um mundo melhor para mim e para as minhas iguais. E assim como nessa poesia, no meu trabalho de conclusão de curso é isso que eu quero fazer. Eu quero falar sobre nossa existência, visto que, por muito tempo, essa existência foi negada a mim, e agora reivindico ela em todos os espaços que eu puder.

A falta de representatividade me impulsionou a falar sobre esse assunto, a denunciar os silêncios cotidianos que atravessam a nossa cultura e desembocam em cada sutileza do meu dia-a-dia sendo lésbica. Desde a maneira como o motorista do ônibus me olha, até uma cena de filme que me incomoda por ter tamanha distorção sobre quem somos.

Ser uma mulher lésbica significa para mim hoje um estar no mundo, um lugar, que antes de qualquer coisa, é um lugar político. É um lugar que causa incômodo, por ser uma existência de contestação. Uma mulher lésbica contesta o sistema todos os dias pelo simples fato dela existir.

Tendo consciência desse lugar que ocupo, decidi começar o meu primeiro movimento de pesquisa autoral falando sobre nós, mulheres lésbicas. Faço isso também como uma forma de suprir essa falta que denunciei na minha poesia, e contestar as ideias distorcidas que se tem sobre quem somos. Durante muitos anos, eu convivi com esse silêncio sem nem perceber que ele existia. Mas através do contato com outras mulheres lésbicas, eu percebi o quanto esse silêncio está presente no meu cotidiano, e eu não posso permitir que ele me cale.

Esse movimento de pesquisa mexeu muito comigo. Trabalhar com um tema tão íntimo, que atravessa a minha existência de tantas maneiras foi desafiador e ao mesmo tempo empolgante e enriquecedor. Quando o nosso objeto de pesquisa diz de nós, de situações que

sentimos na pele todos os dias, impacta. Eu saí impactada de cada leitura que eu fiz para conseguir escrever, e de cada reflexão que ficava nos meus pensamentos até antes de dormir.

Quanto mais eu me envolvi na minha pesquisa, maior lucidez eu tinha sobre a minha condição de mulher lésbica. E essa lucidez está refletida em cada linha dessa pesquisa, em cada frase de denuncia e descontentamento, e em cada afirmação sobre o potencial revolucionário que há na existência lésbica enquanto lugar político.

O que eu pretendo fazer neste trabalho? O meu objetivo é fazer uma análise crítica de alguns títulos de séries pertencentes a plataforma de streaming Netflix que possuem narrativas com personagens lésbicas e bissexuais. A intenção é realizar a minha análise lançando mão das teorias lesbofeministas, em diálogo com o conceito de Pedagogias Culturais. Eu quero refletir como nossas experiências de lesbianidade são lidas nessas séries, e problematizar a maneira que somos representadas para um vasto público consumidor dos serviços de streaming fornecidos pela Netflix. Para isso selecionei 3 títulos de séries, sendo elas *Feel Good, I'm not ok with this* e *Gatunas*, ambas produzidas e exibidas pela Netflix.

Meus requisitos para a escolha desses três títulos se deram através de 3 características das narrativas presentes neles. Em primeiro lugar, todos os 3 títulos possuem desenvolvimento e protagonismo de personagens lésbicas ou bissexuais. Segundo, as séries escolhidas representam, em alguma medida, experiências de lesbianidade através de uma perspectiva negativa. E o terceiro ponto é que ambas as séries me possibilitam trabalhar com alguns conceitos chave presentes na vertente lesbofeminista.

Sobre esses conceitos, eu irei aprofundá-los mais ao longo dos capítulos, principalmente durante o capítulo 2, que utilizo como base teórica as autoras Adrienne Rich e Monique Wittig. Essas autoras trabalham com a análise da heterossexualidade para além do regime privado, compreendendo-a como uma instituição política.

Através dessas três características usadas como fio condutor da escolha das séries que cheguei nesses três títulos. A partir de então, elenquei alguns pontos que gostaria de aprofundar ao longo do trabalho. Sendo eles, a maneira como essas personagens lésbicas e bissexuais constroem seus relacionamentos afetivos, tanto romanticamente, quanto laços familiares e de amizade. E como essas mulheres são representadas enquanto indivíduos.

Em ambos os pontos, a intenção principal é problematizar a maneira como as mulheres lésbicas são representadas pelas séries da Netflix. E como essa representação está sempre imersa em um discurso, com uma intencionalidade que direciona nossas experiências para um lugar conflituoso e problemático.

Paralelamente a essa problematização, procurei demonstrar que esses espaços midiáticos, não sendo neutros, contribuem para a construção de modos de ser e agir dos sujeitos consumidores desses conteúdos, influenciando na maneira como mulheres lésbicas são vistas pela sociedade.

Uma das frases que eu mais ouvi durante a graduação em História é que “o historiador faz escolhas e recortes que nunca são neutros. Dizem de um ponto de vista, de uma maneira de olhar para o mundo”. Essa frase sempre me guiou em todas as disciplinas que eu fiz, e estabeleceu em mim um olhar crítico que eu nunca mais perdi.

Hoje sendo eu essa historiadora que está escrevendo, fazendo recortes e escolhas, tenho consciência de que essas escolhas do que evidenciar e o que silenciar durante o meu trabalho são também escolhas políticas. São escolhas que tem uma razão de ser. Vem de inquietações de dentro, de descontentamentos de uma mulher lésbica desfeminizada vivendo em uma sociedade misógina e heterossexista.

Sabendo disso, os primeiros conceitos que decidi utilizar como base teórica vem da vertente do feminismo lésbico, ou lesbofeminismo. O que é o lesbofeminismo? Como essa vertente contribui para a minha pesquisa? A autora Zuleide Paiva da Silva, aponta que o lesbofeminismo é uma corrente formada nos anos 70, e que através dessa possibilita que as lésbicas se vejam enquanto uma identidade coletiva, possuindo uma dimensão política em sua ação. (SILVA, 2018).

O lesbofeminismo atribui a lesbiandade uma existência política. Sendo assim, durante a minha pesquisa, eu compreendo a identidade lésbica não somente como uma prática sexual, mas também um posicionamento político de resistência contra o sistema patriarcal. Portanto, acredito que essa vertente do feminismo tem uma importante contribuição para a tese que desejo defender neste trabalho. É essa vertente que está exclusivamente preocupada com as questões que envolvem a existência lésbica. E sobretudo, é o lesbofeminismo que confere as lésbicas um lugar político de luta, analisando nossas experiências a partir de um olhar crítico, fugindo da norma e da linguagem heterossexual.

O que eu mais priorizei ao longo deste trabalho foi sempre lançar mão de reflexões que possam conferir a nossa existência como uma forma de resistência para além da esfera privada e sexual, compreendendo nossas vivências como um lugar social e político. Sendo assim, a partir dessas considerações que acredito serem o fio condutor do lesbofeminismo, irei aprofundar alguns conceitos das autoras dessa vertente ao longo do meu trabalho.

Para além das contribuições das autoras lesbofeministas, existe mais um conceito que norteia esse trabalho. É o conceito de Pedagogias Culturais, criado a partir da

interdisciplinaridade dos Estudos Culturais com a Pedagogia. Esse conceito começou a ser pensado nos anos 90 e foi ganhando cada vez mais espaço ao longo das últimas décadas.

Basicamente, o que o conceito de Pedagogias Culturais apresenta é a ideia de que o conhecimento é construído para além dos espaços institucionais formais de ensino. Ou seja, os sujeitos não constroem conhecimento somente nas escolas ou universidades, e sim em vários outros espaços informais, como em casa, nos lugares de lazer e também nas mídias.

Para compreender como esse conceito é colocado, de forma mais sucinta, os estudos de Paula Deporte contribuem para a reflexão acerca do assunto. A autora entende que as relações de ensino e aprendizagem são amplos processos culturais, e que existem numerosos espaços de aprendizagem que interferem nas formas de agir de um sujeito. Sendo assim é possível perceber que existem na vida cotidiana inúmeras pedagogias que nos conduzem a determinados tipos de comportamento (DEPORTE, 2017). Posto isso, o conceito de Pedagogias Culturais tem como fio condutor a noção de que não é somente o espaço escolar que tem a possibilidade de ensinar. Existem vários lugares onde a aprendizagem se constrói.

Escolhi trabalhar com esse conceito porque ele dialoga com o tema que proponho, e paralelamente a isso, está intimamente ligado com as questões da educação. Ou seja, é um assunto de suma importância para quem pretende seguir nessa área. Portanto, como futura professora, considero que foi a oportunidade perfeita para fazer esse link e construir essa reflexão.

É necessário que a (o) professora (or), ao entrar na sala de aula leve em consideração o conhecimento prévio de seus alunos. Dessa maneira, é possível alcançar um método de ensino e uma aula mais democrática, que dialogue com a realidade desses alunos. E a partir do momento que levamos em conta o conhecimento prévio dos nossos alunos, devemos também nos perguntar: de onde vem esse conhecimento?

É nesse ponto que o conceito de Pedagogias Culturais contribui para a reflexão, visto que tenta dar conta de compreender como outros espaços participam da construção desse conhecimento. Na minha pesquisa, portanto, considero e analiso as séries da Netflix entendendo-a como um artefato cultural, que possui potencial pedagógico, podendo contribuir na construção de subjetividades dos sujeitos que assistem essas séries.

Tentei apresentar de forma breve os principais conceitos e vertentes que serviram de base teórica para a construção dessa monografia. Ao longo dos capítulos, eu irei aprofundar mais os assuntos apresentados, de acordo com as situações que fui observando nas narrativas das séries escolhidas como objeto de pesquisa. Minha intenção é fazer com que esses

conceitos dialoguem crítica e politicamente com as problemáticas que foram sendo evidenciadas nas narrativas de *Feel Good, I'm not ok with this e Gatunas*.

No primeiro capítulo, eu analiso os relacionamentos familiares das personagens lésbicas e bissexuais nas séries escolhidas, dando ênfase para o relacionamento dessas mulheres com suas mães e a possível explicação para que esse tipo de relação se repita em vários títulos presentes na plataforma.

Já no segundo capítulo, eu busco problematizar a forma como os relacionamentos amorosos dessas personagens se dão nas narrativas. A partir da problematização acerca do conceito de heterossexualidade compulsória, busco demonstrar como esse conceito aparece nas relações dessas mulheres ao longo da trama presente nessas séries.

E por fim, eu faço uma breve reflexão sobre as possibilidades do amor entre duas mulheres. E como esse amor é uma ferramenta de resistência contra o sistema patriarcal, quebrando com o contrato heterossexual imposto para nós.

CAPÍTULO 1: POR QUE A NOSSA EXISTÊNCIA É CONTADA A PARTIR DE PROBLEMAS?

“Antes que existira ou pudesse existir qualquer classe de movimento feminista, existiam as lesbianas, mulheres que amavam a outras mulheres, que recusavam cumprir com o comportamento esperado delas, que recusavam definir-se em relação aos homens, aquelas mulheres, nossas antepassadas, milenares, cujos nomes não conhecemos, foram torturadas e queimadas como bruxas.”

Adrienne Rich

As lésbicas são desertoras, fugitivas do papel prescrito para as mulheres na sociedade patriarcal. São mulheres que escolhem todos os dias direcionar os seus afetos e suas prioridades para outras mulheres, rompendo com o padrão heteronormativo esperado delas. Refletir sobre as experiências que atravessam a realidade dessas desertoras, traz consigo o desafio de perceber como nossa existência é lida pela sociedade que vivemos. E para ser capaz de ter essa percepção, é necessário fazer um movimento reflexivo a partir de vários espaços que fazem parte da nossa socialização. Sendo um deles a mídia.

Tendo isso em vista, é importante tentar perceber a forma como as mulheres lésbicas são vistas no universo midiático, que tem ganhado cada vez mais espaço e poder dentro da sociedade contemporânea e globalizada que estamos inseridas. Considerando esses aspectos, meu objetivo é fazer esse movimento de reflexão utilizando algumas séries da Netflix como objeto de análise, refletindo de maneira crítica e política sobre elas. Tendo como base os conceitos de Pedagogias Culturais e do Lesbofemismo.

As perguntas que dirijo inicialmente para a construção narrativa das séries *Feel Good*, *I'm not ok with this* e *Gatunas* são: Como as mulheres que se relacionam amorosamente com outras mulheres são retratadas? Como as questões a respeito da lesbianidade estão atreladas a forma como essas mulheres são representadas? O que os problemas que essas personagens enfrentam nos diz a respeito do que é ser uma mulher lésbica? E o que os roteiros dessas séries, sendo vistos como potentes pedagogias culturais, estão ensinando sobre o afeto entre duas mulheres?

No decorrer de minha monografia buscarei não necessariamente dar conta de responder todas essas perguntas, mas pelo menos, de justificar a necessidade de se fazê-las. Ao analisar essas séries, pretendo refletir de que maneira os discursos presentes nelas atravessam nossas realidades enquanto mulheres lésbicas. Sendo assim, pontuo agora algumas questões que percebi que permeiam as personagens nas três obras que escolhi como objeto de análise.

1.1 Como somos vistas?

Para nós mulheres, existe uma socialização que atravessa nossas realidades durante toda a vida. Em um mundo dominado por estruturas patriarcais, a ordem do dia para uma mulher é amar os homens. E a partir disso determina-se como nos comportar, a roupa que devemos vestir, quem devemos direcionar nossas energias e afetos e quem devemos odiar e evitar. Espera-se de nós o casamento, a maternidade, o trabalho doméstico e não remunerado, a passividade, a delicadeza, a feminilidade, a subserviência e em suma, uma série de comportamentos que são colocados como inerentes às mulheres.

Monique Wittig ao analisar a opressão das mulheres, aponta para o fato de que a principal imposição sobre nós é a heterossexualidade. Essa heterossexualidade é naturalizada a partir do momento em que se institui uma diferença entre os sexos (WITTIG, 2006). Mas afinal, que diferença é essa? Essa diferenciação foi chamada por Wittig de “Categoria de sexo” e trabalhada pela autora em seu ensaio com o mesmo nome. Nele, a autora define o conceito de Categoria de sexo da seguinte maneira:

A categoria de sexo é a categoria política que funda a sociedade como heterossexual. Assim sendo, ela não se refere a seres, mas a relações (uma vez que mulheres e homens são resultado dessas relações), apesar desses dois aspectos sempre se confundirem quando são discutidos. A categoria de sexo é aquela que decreta como “natural” a relação que está na base da sociedade (heterossexual) e através da qual metade da população, as mulheres, são “heterossexualizadas” (a produção de mulheres é como a produção de eunucos, escravidão, criação de animais) e submetidas a uma economia heterossexual (WITTIG, 2006, p 26 , tradução nossa).

Posto isso, através dessa perspectiva apresentada por Wittig, nossa identidade e subjetividade enquanto mulher, é inevitavelmente atrelada a essas relações sociais estabelecidas em torno dos das mulheres e dos homens. Sendo assim, a maneira como nos comportamos, como construímos nossas crenças e nossos afetos, está ligada a maneira como fomos socializadas, logo, está ligada a naturalização da heterossexualidade.

Essas relações são internalizadas na socialização das mulheres durante toda a nossa vida, seja no espaço privado, com a educação familiar, seja nas escolas e outros ambientes institucionalizados, ou nos espaços informais, que como aponta Deporte (2017) para além dessas fronteiras conhecidas como espaços pedagógicos, também ensinam formas de ser a

agir no mundo. São nesses espaços informais de aprendizagem que se localiza o objeto de análise da monografia

Ainda pensando sobre o papel das mulheres na sociedade, a obra intitulada *O triunfo da masculinidade* da autora Margarita Pisano, nos dá pistas de como a feminilidade é construída em função da masculinidade. Desse modo, é direcionado às mulheres condutas que nada têm de natural, sendo, senão, uma construção social. Sobre essa questão, a autora argumenta:

Os modelos eróticos com os quais somos socializadas constroem e reconstroem a simbologia do feminino a partir das potências culturais que, embora aparentemente tenham um posição permissiva ou questionadora da sexualidade ou liberdade, no núcleo eles continuam a defender os antigos valores da masculinidade (PISANO, 2001 p.76-77, tradução nossa).

Levando em consideração a reflexão feita por Margarita Pisano, podemos dizer que as produções audiovisuais, principalmente as que são feitas e distribuídas por grandes empresas como a Netflix, mesmo que possuam uma narrativa questionadora e progressista em relação às questões de gênero e sexualidade, ainda continuam tendo em sua essência, um discurso atravessado por um pensamento conservador, criado nas premissas patriarcais.

Tendo isso em vista, é necessário problematizar as narrativas que são apresentadas nesses espaços, principalmente quando estão dizendo de experiências lésbicas, pois a lesbianidade é um lugar que rompe com esses valores conservadores, uma vez que foge da norma da heterossexualidade.

Ao explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea, a autora Paula Deporte traz em sua pesquisa sobre pedagogias culturais, uma importante contribuição para nos atentarmos de maneira crítica aos discursos presentes na mídia. A respeito dessas características a autora diz:

Enfim, percebe-se que, cada vez mais, os artefatos culturais midiáticos não apenas colocam em circulação saberes referentes a vários domínios da vida cotidiana. Eles produzem saberes, produzem condutas e práticas. Possuem capacidade de modelar nosso olhar e colaboram para a produção de nossas subjetividades a partir de determinados interesses em voga no presente (DEPORTE, 2017 p. 14).

Pensando a respeito da fala da autora, é de suma importância se atentar e refletir como que experiências que fogem do padrão normativo, dentro da lógica de feminilidade e

heterossexualidade, são observadas e narradas nas séries da Netflix. Uma vez que este é um espaço de poder, tendo potencial de construir processos de subjetividades dos sujeitos.

Como as mulheres lésbicas são vistas na sociedade em que vivemos? Levando em conta o comportamento normativo esperado das mulheres, Margarita Pisano quando escreveu sobre mulheres que amam mulheres denotou que: “Tal erótica contém a ruptura dos limites do feminino e a resistências ao projeto heterossexual estabelecido, rompendo não só a mioginia, senão fundamentalmente a fidelidade do amor aos homens”(PISANO, 2001 p. 76, tradução nossa). Se é esperado de nós a heterossexualidade, ou seja, o direcionamento dos nossos afetos aos homens, e junto disso, uma série de outros comportamentos tido como femininos, a lésbica é uma desertora que rompe com a norma estabelecida para as mulheres.

Sendo assim, tendo em vista que os artefatos midiáticos são hoje veículos de comunicação de largo alcance, é importante nos perguntarmos: Como é a realidade dessa desertora sobre a ótica de uma câmera dos estúdios de séries da Netflix? Como nossas experiências têm sido codificadas em imagens e discursos nesses artefatos midiáticos? A seguir, pontuo algumas questões problemáticas encontradas nas narrativas presentes em *Feel Good, I'm not ok with this* e *Gatunas*.

1.2 O estereótipo da mãe ausente

O primeiro título que analisei foi *Feel Good*. Sua primeira temporada foi distribuída pela Netflix em Março de 2020 e contou com seis episódios. A série narra a história de Mae Martin, uma comediantes canadense, que foi morar em Londres para se tratar de um vício em drogas. Nesse país, ela conhece George, com quem estabelece um relacionamento amoroso turbulento

A narrativa da série gira em torno de Mae, e das relações que ela constrói com as pessoas à sua volta, como a namorada, os parceiros de trabalho do bar em que ela apresenta seus shows de comédia, e a relação distante com os pais, principalmente com a mãe. A personagem principal é apresentada como uma mulher bissexual, que tem uma estética desfeminizada, cabelo curto e roupas que não performam feminilidade. Ela é uma ex-viciada em drogas, que usa a comédia *stand up* como válvula de escape para satirizar seus traumas.

Mae é narrada como uma mulher problemática, que tem uma relação conflituosa e distante com os pais, sobretudo com sua mãe. E possui uma forte dependência emocional com sua namorada George, que faz com o que o relacionamento amoroso entre as duas seja atravessado pela instabilidade e sobretudo pela toxicidade.

Nesse ponto, um dos aspectos que chama atenção é a relação distante e conflituosa da personagem Mae com sua mãe. Isso porque o conflito com a mãe é uma característica muito recorrente nos discursos das séries da Netflix quando trazem em suas histórias personagens lésbicas ou bissexuais. E como essa situação acontece repetidas vezes nas narrativas seriadas da plataforma, é importante que façamos uma análise crítica dos discursos que estão por trás da criação desse estereótipo da mãe ausente.

Em *Feel Good*, essa perspectiva é muito bem trabalhada através da construção da personagem Linda Martin, mãe de Mae, como uma mulher fria e distante, que nunca conseguiu estabelecer um relacionamento saudável com a filha. Desde os primeiros episódios da série, é possível perceber como o roteiro nos direciona a compreender o relacionamento entre mãe e filha como um conflito que gerou traumas em Mae.

Essa distância entre as duas insinua a ideia de que os distúrbios desenvolvidos pela personagem, como ansiedade, vício em drogas, dependência emocional direcionada a sua relação amorosa lésbica, vem muito do fato de Linda não ter tido sabedoria e sensibilidade para criar sua filha.

A característica da mãe ausente, quando se trata de personagens lésbicas ou bissexuais que se relacionam com outras mulheres durante a trama da série, é encontrada também em vários outros títulos presentes na plataforma Netflix. Essa construção pode ser vista em títulos da plataforma como: *I'm not ok with this*, *Gatunas*, *Feel Good*, *Crônicas de San Francisco*, *Sex Education*, *Caçadoras de Recompensas*, entre outras. Em todos esses títulos, quando aparecem personagens mulheres que em algum momento se relacionam amorosamente com outras mulheres, elas possuem, ou uma mãe ausente, ou uma relação extremamente conflituosa, ou então a mãe morreu e elas moram com o pai.

Portanto, a ausência da mãe é uma característica que atravessa a construção das experiências dessas personagens, sugerindo constantemente que mulheres lésbicas ou bissexuais se relacionam com outras mulheres à procura de uma figura materna em suas relações. Para confirmar as hipóteses da minha análise, vou adentrar um pouco mais no exemplo dos títulos *I'm not ok with this* e *Gatunas*.

I'm not ok with this foi lançada no ano de 2020 e contou com uma temporada, tendo apenas sete episódios. A série conta a história de Sidney, uma adolescente introvertida e problemática que tem dificuldade em lidar com suas emoções. A narrativa mostra o período em que Sidney está descobrindo a sua sexualidade, ao se perceber apaixonada pela melhor amiga e lidando com o luto da morte do pai.

Nesse ponto entra a problemática: Normalmente as personagens lésbicas e bissexuais presentes nas séries da Netflix têm ou tiveram bons relacionamentos com suas figuras paternas, e quando não, pelo menos possuem pais presentes. Em contrapartida, a mãe é sempre a figura ausente, seja em razão de uma distância afetiva, ou por ter morrido em algum momento da narrativa. Em *I'm not ok with this* essa história se repete. A mãe de Sidney, Maggie Novak, é retratada como uma mãe que nunca está em casa, por conta do trabalho.

Durante as cenas que possuem diálogo entre as duas personagens, a figura da mãe é colocada como uma mulher fria, megera, que não consegue compreender e ter sensibilidade com o luto da filha. No caso dessa série, os roteiristas ainda colocaram a personagem Maggie como uma mulher que bebe muito para esquecer dos problemas.

Juntando todas essas características atribuídas à figura materna da personagem principal, é possível perceber o quanto a construção da série vilaniza a mãe de Sidney. No exemplo da série *I'm not ok with this*, é possível perceber que o confronto com sua mãe Maggie é um dos fatores que desestabiliza Sidney emocionalmente, e como ela busca válvulas de escape fora de casa, nas saídas com a melhor amiga. Sugerindo mais uma vez a relação entre lesbianidade e conflitos com a figura materna.

E por último, temos o exemplo da série *Gatunas*, que foi ao ar na Netflix em 2019 e teve duas temporadas, cada uma com dez episódios. A série conta a história de três meninas adolescentes, Elodie, Tabitha e Moe, que se conhecem em um grupo de apoio para pessoas viciadas em roubar. Elas estudam na mesma escola e se tornam amigas muito próximas.

Uma das personagens principais, Elodie, é assumida lésbica. E aqui mais uma vez a Netflix coloca a personagem que se relaciona amorosamente com outras mulheres sem a mãe. Na narrativa da série, a mãe de Elodie morre em um acidente de carro, e é a partir desse acontecimento que a história ganha forma. Por conta do trauma do acidente, e da falta que a personagem sente da mãe, ela desenvolve um vício em roubar e começa a frequentar o grupo de apoio para se tratar.

Elodie, diferentemente das personagens Mae, de *Feel Good*, e Sidney de *I'm not ok with this*, tinha uma boa relação com a mãe, porém, seguindo a linha do estereótipo, sua mãe morre, mais uma vez fazendo com que a personagem lésbica da série seja retratada com a ausência de uma figura materna. Mais uma vez reafirmando a relação entre lesbianidade e mãe ausente.

As séries são produções audiovisuais consideradas Pedagogias culturais, e fazem o que Deporte (2017) chamou de “conduzir condutas”. Ou seja, contribui na construção de subjetividades nos sujeitos que as consomem. Sendo assim, as narrativas presentes nessas

séries nos dão pistas de qual ideia que se quer ensinar sobre as relações afetivas entre lésbicas e bissexuais.

Onde eu quero chegar com essas observações? É preciso nos atentar para o fato de que essas séries estão narrando a experiência de mulheres que fogem da heterossexualidade. Portanto, ao representar mulheres lésbicas e bissexuais como figuras “sem mãe”, estão ensinando que as experiências dessas mulheres são condicionadas a um problema que elas tem, e não a uma escolha. Ou seja, pressupõe a heterossexualidade como ponto de partida. Logo, se não é hétero é porque tem algum problema.

Se a norma vem da heterossexualidade, ao se retratar experiências de lesbianidade, a série narra, portanto, um sujeito distorcido, uma mulher que não tem uma boa relação com sua figura materna, ou que não tem uma mãe. Como se sua progenitora houvesse falhado no exercício da maternidade, desenvolvendo assim consequências emocionais na filha, sendo uma delas, o próprio comportamento homoafetivo. Em suma, narra a diferente, a outra, a problemática.

Nesse caso, vislumbra-se que é implicitamente marcado na narrativa das séries, a ideia de que as mulheres são lésbicas ou bissexuais por sentirem necessidade da presença de outra mulher em suas vidas. Como se a relação amorosa entre duas mulheres estivesse atravessada pela falta de uma figura materna, que foi negada em algum momento de suas trajetórias de vida.

As pedagogias culturais contidas nesse tipo de discursos têm um largo alcance, ainda mais por se tratar de uma plataforma que distribui conteúdos audiovisuais para diversas partes do mundo. Essas séries possuem uma adesão muito grande por parte do público, que cada vez mais consomem serviços streaming como os prestados pela Netflix.

Entender esse processo é importante para perceber o quanto esses discursos são políticos e pedagógicos, que têm potencial de construir identidades, por se tratar de um espaço de poder. Sobre essa questão Paula Deporte, ao discutir a natureza pedagógica dos artefatos midiáticos nos atenta que:

(...) Ao compreendermos que estes artefatos da cultura - publicidade, filmes, televisão, entre outros - praticam uma pedagogia, ensinam e posicionam os sujeitos, estamos entendendo como a política cultural se exerce, como os arranjos sociais são engendrados (DEPORTE, 2017. p.10).

Através desta contribuição da autora, é possível perceber que precisamos ter um olhar crítico para as narrativas em que a experiência das personagens lésbicas e bissexuais está

insistentemente ligada à ausência de uma figura materna. E nos perguntar: Qual a intencionalidade de uma narrativa que representa as mulheres lésbicas e bissexuais dessa maneira? E quais são as possíveis subjetividades a serem construídas através dessa visão?

A experiência lésbica é, além de uma sexualidade, um lugar político, visto que quebra com o que Adrienne Rich (2019) chamou de heterossexualidade compulsória. Sendo assim, é um lugar de disputa. Lugar este que a Netflix se apropriou ao colocar personagens lésbicas ou bissexuais narradas sobre uma ótica de experiências distorcidas e problemáticas.

Levando em conta esses três exemplos mais direcionados, e alguns outros que dei ao longo do caminho, é possível perceber que essa característica da mãe ausente é constante na maneira como as séries da Netflix percebem as experiências de mulheres lésbicas e bissexuais. E isso abre caminho para que façamos uma reflexão crítica através dessa percepção.

Deixar implícito, em vários títulos, a relação entre lesbianidade e mãe ausente é uma questão que precisa ser problematizada e combatida. Pois essas séries possuem um largo alcance, principalmente se tratando do público jovem, que está no momento de construção de suas subjetividades.

Tendo em vista que essas séries são artefatos midiáticos, Paula Deporte aponta que “os artefatos midiáticos não apenas reproduzem, mas também produzem saberes e sujeitos, por isso são considerados artefatos pedagógicos”(DEPORTE, 2017, p. 15). Portanto, se essas séries têm potencial pedagógico para produzir subjetividades nos sujeitos que assistem, que mensagem estão passando sobre o que significa a experiência lésbica?

Considerando a insistência em colocar essas personagens com uma relação conflituosa ou ausência da mãe, deixa subentendido que mulheres lésbicas buscam em suas amantes uma figura materna. O que é uma visão completamente problemática, estereotipada, distorcida, e preconceituosa sobre a lesbianidade. Uma vez que a lésbica é uma mulher que ama outra mulher, e não uma mulher que procura outra mãe.

1.3 Problemas emocionais e conflitos familiares

Nas três séries escolhidas, os aspectos relacionados aos problemas emocionais e conflitos familiares das personagens constroem uma relação de mão dupla. Em ambas as narrativas analisadas, as mulheres lésbicas ou bissexuais são retratadas como emocionalmente

problemáticas, e que uma vez que possuem esses problemas, estes são refletidos em suas relações familiares e vice-versa.

Começando por *Feel Good*, é possível perceber que tanto a personagem Mae Martin, quanto sua namorada George, são mulheres que enfrentam diversos problemas, provenientes de suas personalidades e de suas maneiras de lidar com as situações. Mae tem um convívio distante e conflituoso com a família, principalmente com sua mãe. Essa relação, como narra a série, sempre foi difícil desde a infância da personagem, e foi um dos motivos que fez com que ela desenvolvesse transtornos como ansiedade, e em um dado momento de sua adolescência, a jovem teve contato com as drogas e se tornou uma viciada.

No enredo da série, Mae já se recuperou do vício, porém ainda sofre com as sequelas emocionais deixadas por ele. Por estar longe da família e ser uma mulher emocionalmente dependente, ela leva essa demanda para o seu relacionamento amoroso, tornando-o mais um afeto conflituoso em sua vida.

Outro ponto que a série toca é a maneira como Mae externaliza seus traumas e lida com os sentimentos que vêm deles. Na narrativa, ela faz isso usando a comédia *stand up* como uma válvula de escape e desabafo de suas experiências. Os momentos difíceis e traumáticos da vida de Mae, como o vício em drogas, o relacionamento amoroso tóxico e a distância afetiva dos pais, se transformam em motivo de piada através do fato de que a personagem conta esses momentos em tom cômico nos seus shows de comédia.

O fato de a série deixar implícito que as experiências ruins da personagem podem ser externadas como motivo de piada já é extremamente problemático. Normalizar a solidão e o vício em drogas como algo passível de lidar com comédia é uma maneira de desumanizar a experiência Lésbica.

Cabe destacar que *Feel Good* é uma das poucas séries da Netflix que apresenta uma personagem que não reproduz feminilidade. Mae tem o cabelo curto e usa roupas largas, moletons casuais, com cores neutras, e tem uma estética que as lésbicas chamam de “*Butch*”, mesmo sendo representada como uma mulher bissexual. Não há nada de inocente em colocar características tão degradantes em torno de uma das únicas personagens com características que fogem do padrão de feminilidade socialmente imposto.

Os espaços midiáticos, hoje mais do que nunca, são espaços de poder. Portanto, são também lugares de disputa. Sendo assim, é necessário problematizar de forma crítica porque é narrada uma experiência extremamente negativa em torno de uma mulher que foge do padrão normativo de feminilidade.

A mensagem que é passada com esse discurso é: “Se você é uma mulher lésbica ou bissexual, você vai sofrer. Agora, se você for uma mulher lésbica ou bissexual e não reproduz feminilidade vai sofrer ainda mais, e sua imagem será degradante”. Esse tipo de representação sobre as mulheres lésbicas e bissexuais, tem um grande potencial de estabelecer o que Margarita Pisano chamou de “o medo à lesbianidade”. Sobre o teor político contido nesse medo instaurado a autora pontua:

O medo à lesbianidade é um dos medos mais importantes que a sociedade inventou, não é inocente, tem sido um dos melhores desenhos e adestramentos imobilizadores para as mulheres. Embora a lesbianidade não se pratique como erótica, a memória que temos deste gesto amatório sancionado insere, através de sua negação, a desconfiança entre as mulheres (PISANO, 2001, p. 66, tradução nossa).

A partir da reflexão ressaltada por Pisano, fica ainda mais evidente o quanto é necessário que existam experiências lésbicas que sejam positivas nesses espaços. Para que nossa existência seja vista como uma realidade possível, e não como um medo a ser evitado pelas mulheres.

Dando continuidade aos exemplos, em *Feel Good*, a personagem George, namorada da protagonista Mae, também é retratada como uma mulher problemática, que não teve coragem de se assumir para a família e mantém seu relacionamento amoroso com Mae em segredo. Tem uma cena em que o casal está em uma festa com amigos de George, que ela chega a apresentar sua parceira como uma amiga e não como namorada, deixando claro como a relação das duas não é plenamente estabelecida.

Além disso, a construção da personagem George demonstra que ela é uma mulher que não se atenta às lutas políticas presentes na experiência da lesbianidade, fazendo com que ela seja lida como uma “bi discreta”, que não assume a responsabilidade de suas escolhas frente à sociedade que vive. E essa atitude também reflete no seu relacionamento com a família e com sua namorada.

Esse ponto se confirma em uma cena em que George revela o relacionamento amoroso com Mae para os amigos. A situação em que isso acontece é extremamente desrespeitosa com a comunidade lésbica. Pois, para revelar a relação com outra mulher, George precisou se embriagar e ir parar no hospital por conta de um corte que sofreu em um acidente, justamente por ter ficado bêbada. No hospital, sob efeito de analgésicos fortes, ela acaba deixando escapar para os amigos que tem uma namorada.

Deixar essa cena como forma de revelar uma relação amorosa entre duas mulheres é como passar a mensagem de que essa relação é errada, e portanto, deve ser escondida, secreta, privada. Esse discurso, lido de maneira crítica através das teorias lesbofeministas, nos revela que, o tempo todo, o ponto de partida para retratar as experiências de lesbianidade nessas séries, é a heterossexualidade. Se isso acontece, a consequência é o que se encontra: Uma imagem completamente distorcida sobre o amor entre duas mulheres. E com isso, uma maneira violenta e preconceituosa de nos representar.

Já na série *I'm not ok with this*, a personagem Sidney Novak é narrada como uma adolescente problemática, que está enfrentando o luto causado pela morte do pai, ao mesmo tempo que lida com as transformações da puberdade, como a sexualidade. Durante todo o enredo da série, Sidney demonstra uma grande instabilidade emocional, apresentando dificuldade em lidar com as suas emoções, sendo a mais recorrente delas o sentimento de raiva.

Além desse traço de personalidade, a personagem também é retratada como uma menina introvertida, que não faz amigos facilmente, e tem uma estética um tanto quanto “caótica”. Usando sempre roupas disformes e com tons neutros, como o marrom e verde lodo, fazendo com que ela traga uma vibração triste e solitária, até mesmo na imagem que passa para as pessoas através de suas vestimentas.

Praticamente em todos os episódios, a personagem se irrita com alguma situação, e a raiva dela é metaforicamente expressa através dos poderes que ela tem. Sempre que Sidney se sente com muita raiva, ou angústia, ela consegue mover e quebrar objetos com a força de sua mente.

Ela não sabe controlar seus poderes justamente por não saber controlar as suas emoções. E o fato dela ser introvertida, e ainda estar enfrentando o sentimento de luto, faz com que a solidão seja uma constante na trajetória da personagem, intensificando ainda mais essas emoções que ela não sabe lidar.

Na série *Gatunas*, a personagem lésbica Elodie Davis também é retratada como uma adolescente que não sabe lidar com suas emoções. Ao precisar enfrentar o luto causado pela perda da mãe, ela adquire o vício em furtar. Em todos os momentos complicados que a personagem enfrenta e não sabe como resolver, Elodie recorre ao furto como uma válvula de escape para externar suas emoções através da adrenalina de roubar e não ser pega. O que mais uma vez demonstra a dificuldade que a personagem tem em lidar com seus traumas, e com os desafios cotidianos da vida.

A personagem de Elodie também é construída sobre a ótica da menina introvertida, que tem dificuldade em fazer amizades e se adaptar a situações novas, o que faz com que ela por alguns episódios lide com a solidão na escola, e também em casa, por não ter uma relação muito próxima com o pai a madrasta e o irmão mais novo.

Ao citar os exemplos das três séries, é possível perceber que existe um traço de personalidade em comum que atravessa a construção das personagens lésbicas ou bissexuais nessas narrativas. Ambas são mulheres emocionalmente instáveis, que não sabem lidar com suas emoções, e que por isso acabam se prejudicando e muitas vezes prejudicando as pessoas ao redor delas. Essa característica não é nenhuma coincidência, uma vez que se repete não somente nas três séries citadas, como em muitas outras narrativas fílmicas em que tenha presença de mulheres homossexuais.

Portanto, constatar que características como raiva excessiva, ansiedade, vícios em drogas e em furto, comportamento introvertido e solidão, são constantemente atreladas a experiências emocionais de mulheres que se relacionam amorosamente com outras mulheres, é possível perceber o quanto essas construções são feitas através de uma ótica negativa sobre a lesbianidade. Todas as mulheres lésbicas e bissexuais são introvertidas? Será que estamos todas fadadas à solidão, a raiva e a vícios que prejudicam nossas vidas? É o que parece sugerir os roteiros das séries analisadas.

É necessário que se problematize narrativas como essas, uma vez que elas passam a ideia de que ser lésbica ou bissexual, é algo ruim, que vai causar problemas e instabilidades. É um desvio, e por ser um desvio, está fadada ao fracasso, ou quando não, fadada ao conflito e instabilidade constante. Sobre esse aspecto as autoras Cláudia Lahni e Daniela Auad trazem uma importante contribuição ao dizerem que:

A heterossexualidade como norma produz a homossexualidade como desvio. Não há norma sem desvio. A norma só se sustenta pela existência do desvio; a virtude pelo vício; a manutenção da saúde pela fuga de tudo quanto é socialmente percebido como doença. Esses pares, essas oposições binárias – tão constituintes também do que se conhece e se aceita como masculino e feminino – expressam a maneira como historicamente foi sendo produzida a heterossexualidade compulsória. Esta é a matriz de um conjunto de fenômenos, da homofobia à invisibilidade lésbica, do ardente culto aos privilégios heterossexuais à negação da bissexualidade como orientação possível e praticada (AUAD; LAHNI, 2018, p. 102).

Em diálogo com a reflexão feita pelas autoras, é possível perceber que nas séries analisadas, a homossexualidade das personagens é lida como um desvio, uma vez que elas são retratadas de maneira problemática e conflituosa. Portanto, essas oposições binárias

ressaltadas por Auad e Lahni, podem ser encontradas em *Feel Good, I'm Not Ok With this* e *Gatunas*. Por se tratar de um espaço traçado por relações de poder e disputas de narrativas, estes pólos são políticos, e dizem de um projeto de identidade. E através das sutilezas dos discursos presentes nos artefatos culturais, esse projeto de identidade ganha espaço e visibilidade na vida dos sujeitos, construindo subjetividades e ensinando modos de ser e pensar.

A maneira como nós mulheres vivenciamos a nossa sexualidade está intimamente atrelada aos discursos que são internalizados em nossa socialização. Eles estão presentes em diferentes espaços cotidianos das vidas dos sujeitos. Levando em consideração esse processo, Deporte (2017) demonstra como a mídia se tornou um território político e ao mesmo tempo pedagógico. Um lugar de disputa de narrativas, uma vez que possui potencial de estabelecer construções de identidades.

Portanto, o fato das séries analisadas estabelecerem representações negativas em torno da experiência de lesbianidade é um indicativo político, do tipo de visão que se tem sobre o que é ser uma mulher que se relaciona afetiva e amorosamente com outras mulheres. É necessário que existam outras narrativas em torno das experiências lésbicas, para que as mulheres possam perceber que é uma possibilidade de vida positiva, uma existência que traz virtudes e alegrias, e não somente desafios e frustrações.

A fim de que seja possível ver essas narrativas presentes na mídia, é indispensável que lancemos um olhar crítico para os discursos que estão sendo produzidos em torno dessas experiências. Pois os artefatos midiáticos não são neutros, e sim um veículo de poder atravessado por questões políticas. E uma vez que a lesbianidade também é política, precisamos ocupar esses territórios, e reivindicar nossa voz e nossa existência neles, para que possamos nos ver de fato nas experiências que são expressas nesses espaços.

CAPÍTULO 2: “SERÁS HÉTERO OU NÃO SERÁS”. RELACIONAMENTOS AMOROSOS E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Nós vivemos em uma sociedade em que a heterossexualidade é um ponto de partida, seja para as mulheres ou para os homens. Este ponto de partida é naturalizado em nossas relações, e a partir disso, aparece em diversos lugares da nossa socialização. Dessa forma, as relações amorosas lésbicas possuem uma dinâmica que ultrapassa a lógica heterossexual. Portanto, foge da norma esperada do comportamento das mulheres, e abre espaço para outras possibilidades de afeto.

Mas como isso se dá em uma sociedade em que as relações são baseadas na heterossexualidade como ponto de partida? Como a experiência lésbica transita por essa socialização heterossexual? Sabendo que duas mulheres, ao se relacionarem amorosamente uma com a outra, estão transgredindo a norma, precisamos também compreender como essa norma atravessa as nossas realidades.

Posto isso, é necessário que façamos um movimento de tentar compreender como a heterossexualidade está presente em nossas relações cotidianas. Percebendo que essas relações refletem diretamente em nossas vidas, fazendo parte dos mecanismos que contribuem para a formação das nossas subjetividades, a principal pergunta deste capítulo é: Como a heterossexualidade aparece nas narrativas das séries analisadas? E como ela atravessa a realidade das mulheres lésbicas retratadas nessas séries?

2.1 O que é a Heterossexualidade compulsória?

Para falar das questões em torno dos relacionamentos amorosos das personagens, é preciso primeiro pontuar um dos conceitos chave que irei usar ao longo do capítulo como ferramenta de análise. Trata-se do que chamamos de Heterossexualidade Compulsória. Afinal, o que é isso? Para responder essa pergunta, uso como principal base teórica os trabalhos realizados pelas autoras lesbofeministas Monique Wittig e Adrienne Rich. Ambas direcionaram sua produção de conhecimento em torno da ideia de heterossexualidade como um fundamento teórico.

Basicamente, as análises feitas por Wittig e Rich nos direcionam a compreensão da heterossexualidade como uma instituição política. Ou seja, nelas a heterossexualidade não é

vista apenas como uma prática sexual, presente no âmbito privado. É, antes de tudo, uma prática institucional, presente na nossa vida social como um todo.

Para compreender melhor o sentido desses conceitos trabalhados pelas autoras, é importante traçar um diálogo de leitura entre suas obras. Posto isso, começo falando um pouco das ideias de Monique Wittig. Essa autora é uma grande referência do lesbofeminismo e tem uma importante contribuição para o pensamento lésbico, principalmente na análise da heterossexualidade. Para Wittig, a heterossexualidade deve ser questionada e analisada como uma instituição política e social (WITTIG, 2006).

Em seu livro de ensaios intitulado *O pensamento heterossexual*, a autora constrói um compilado de reflexões que visa desnaturalizar a heterossexualidade, percebendo-a não como uma prática sexual individual e privada, mas sim como o elemento que forma a base das relações sociais, sendo assim coletivo e política.

Em um dos ensaios presentes nesse livro, intitulado *A categoria de sexo*, Wittig reflete sobre os elementos que estão na base da heterossexualidade como uma instituição política e social. A autora identifica que um desses elementos é a ideia sexo como algo natural e biológico. Esse movimento faz com que os conflitos existentes entre homens e mulheres sejam naturalizados, e não vistos como oposições. Sobre isso a autora ressalta que:

A ideologia da diferença sexual funciona como uma censura em nossa cultura ao mascarar naturalizando a oposição social entre homens e mulheres. Masculino/feminino, macho/fêmea são categorias que servem para ocultar o fato de que diferenças sociais sempre pertencem a uma ordem econômica, política, ideológica (WITTIG, 2006, p. 22, tradução nossa).

Para Wittig falar em ideologia da diferença sexual é dizer da naturalização entre os sexos. Esse movimento é o que a autora chama de “categoria de sexo”(WITTIG, 2006). Mas afinal, como isso se relaciona com a questão da heterossexualidade? Usando o pensamento Wittig como fundamento para essa análise, podemos perceber que a categoria de sexo é uma das égides da heterossexualidade. No sentido de afirmar essa ideia, Wittig aponta que “a categoria de sexo é o produto de uma sociedade heterossexual na qual homens apropriam-se da reprodução e da produção das mulheres”. (WITTIG, 2006, p.27, tradução nossa). E acrescenta que “a categoria de sexo é o produto de uma sociedade heterossexual que transforma metade da população em seres sexuais, porque sexo é uma categoria da qual mulheres não podem ficar de fora.” (WITTIG, 2006, p. 27, tradução nossa).

Partindo de um diálogo com as palavras de Wittig, portanto, é possível compreender a heterossexualidade enquanto um regime político, que está na base das relações sociais. Esse

regime parte do pressuposto da naturalização dos sexos e conseqüentemente, a naturalização das diferenças entre os sexos. Isso traz como resultado um processo ideológico que naturaliza a heterossexualidade, colocando-a como algo inerente aos seres humanos. E o que Wittig tenta mostrar é justamente o contrário. A autora propõe que a heterossexualidade, antes de ser uma prática sexual e privada, é na verdade uma prática social e política (WITTIG, 2006).

Sendo assim, é muito importante entender esse processo. Pois dessa maneira é possível perceber que a heterossexualidade não tem nada de natural. Ela traz todo um aparato de comportamentos sociais, que refletem também na instância cultural. Por isso chega em espaços midiáticos como as séries da Netflix, que é meu objeto de análise desta monografia.

Ainda trazendo as contribuições de Monique Wittig para a compreensão da heterossexualidade como regime político, a autora em um dos seus ensaios mais polêmicos intitulado *O pensamento heterossexual* nos mostra como se dá essa vivência no sistema heterossexual, e como esse sistema tem em seu poder toda uma linguagem que trabalha em função de sua naturalização, atravessando tanto dentro dos espaços institucionais e políticos, quanto os espaços sociais e culturais presentes em nosso cotidiano. Sobre isso a autora nos diz que:

A linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social (WITTIG, 2006, p.45, tradução nossa).

Aqui Monique Wittig pontua a importância de percebermos a linguagem como um instrumento de poder, e especificamente nesse ensaio, ela mostra como a heterossexualidade é quem cria essa linguagem, fazendo com que, tudo que a conteste seja deslegitimado, impossibilitando que nós enquanto mulheres lésbicas criemos nossas próprias categorias.

Ao compreender a linguagem como uma ferramenta que age sobre a realidade, a autora enfatiza a sua importância enquanto um assunto político. E a partir dessa perspectiva ela analisa como o discurso heterossexual se dá através dessa linguagem. Sobre essa questão, Wittig aponta que “o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos.” (WITTIG, 2006, p. 51, tradução nossa).

A partir dessa perspectiva, Wittig argumenta sobre o caráter opressivo do discurso heterossexual, demonstrando como essa interpretação totalizante do pensamento hétero tende a “universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais que se reclamam de ser aplicáveis

a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos”(WITTIG, 2006, p 52, tradução nossa). Ou seja, o pensamento hétero sempre parte do pressuposto da heterossexualidade como a norma, como o natural, logo, como o universal.

Essa tendência para a universalidade traz como consequência a exclusão conceitual de qualquer grupo que pense fora dos termos da linguagem heterossexual. Fazendo com que esses grupos estejam sempre a margem, em um vazio histórico, pois uma vez que não podemos criar nossas próprias categorias, estaremos sempre falando de nós nos termos do outro, no caso, nos termos do pensamento hétero. Sobre isso Wittig observa que

o pensamento hétero não pode conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordenaria não só todas as relações humanas, mas também a sua própria produção de conceitos e também todos os processos que escapam ao consciente. (...) A retórica que expressa estes processos (e cuja sedução eu não subestimo) reveste-se de mitos, recorre ao enigma, caminha pelo acumular de metáforas, a sua função é a de poetizar o caráter obrigatório do “serás-hétero-ou-não-serás (WITTIG, 2006, p. 52, tradução nossa.)

A partir dessa formulação, Monique Wittig destrincha como a sociedade heterossexual funda a diferença. Quando falamos do diferente, estamos falando do “outro”. Desse modo, para além de universalizar a sua produção de conceitos, “A sociedade hétero está baseada na necessidade a todos os níveis, do diferente/outro. Não pode funcionar economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem este conceito”. (WITTIG, 2006, p 53, tradução nossa).

Por ser o ponto de partida, a referência, o pensamento heterossexual precisa de um outro para se comparar, pois para existir o normal é necessário ter uma ideia do que é anormal. Portanto, a diferença é uma necessidade ontológica do sistema. Wittig (2006) mostra que esse “outro”, que é colocado no lugar de diferente, de desviante, nada mais é do que o dominado. Sendo assim, a sociedade heterossexual oprime não apenas gays e lésbicas, e sim muitos outros. É um sistema que oprime todos que estão na condição de dominados.

O pensamento hétero para se manter faz com que a ideia de diferença seja vista como algo natural, inerente ao ser humano. Wittig contesta essa noção ao argumentar que: “Não há nada de ontológico no conceito de diferença. É a única maneira como os senhores interpretam uma situação histórica de domínio. A função da diferença é a de ocultar a todos os níveis os conflitos de interesses, incluindo os conflitos ideológicos”. (WITTIG, 2006, p. 54, tradução nossa).

Refletindo sobre as ideias de Wittig, é possível compreender a grande necessidade que temos de problematizar a heterossexualidade para além de uma prática sexual. A autora Luana Farias em sua tese de mestrado sobre a heterossexualização das mulheres, argumenta sobre a importância de os feminismos assumirem a análise da heterossexualidade. Pois só assim conseguirão compreender a raiz da opressão das mulheres (OLIVEIRA 2020). Tendo consciência dessa importância, o meu objetivo neste capítulo é fazer essa análise através da perspectiva apresentada por essas autoras.

Dando seguimento a apresentação das ideias-chaves presentes nas obras das autoras que são base teórica para a minha argumentação neste capítulo, é de suma importância apresentar o trabalho de Adrienne Rich. A autora é uma lesbofeminista, que nos anos 70 lançou um ensaio que seria um divisor de águas na análise da heterossexualidade.

Em seu ensaio chamado *Heterossexualidade Compulsória e Continuum Lésbico*, Rich trabalha a ideia da heterossexualidade enquanto obrigatória. Nele a autora nos apresenta um compilado de fatores que levam as mulheres a serem heterossexuais de forma compulsória. Para Adrienne Rich, longe da prática heterossexual poder ser considerada algo natural, é senão uma prática imposta para as mulheres através da coerção, seja ela física ou psicológica (RICH, 2019).

Adrienne Rich percebe a heterossexualidade como “uma instituição política que retira o poder das mulheres” (RICH, 2019, p.27). A autora pontua que essa instituição se estabelece através do que ela identifica como as fontes do poder masculino. Nesse ponto da argumentação, Rich ao se basear em um ensaio de Kathleen Gough intitulado “A origem da família”, pontua 8 características do poder masculino, fazendo uma reflexão que nos leva a compreender como e porque as mulheres são heterossexualizadas.

Rich (2019) coloca que essas 8 características de poder masculino são: a negação da sexualidade das mulheres; a imposição a sexualidade masculina através de várias violências, como por exemplo o estupro; a exploração do trabalho feminino a fim de controlá-lo; o roubo de seus filhos por meio do direito paterno; o confinamento físico das mulheres; o uso das mulheres como objeto em transações masculinas; a restrição de sua criatividade; e retirá-las dos espaços de reconhecimento social, como conhecimento e realizações culturais.

Pontuei de forma resumida o que a autora destrinchou de forma mais detalhada em seu ensaio. Rich (2019) mostra que esse poder masculino que os homens detêm sobre as mulheres é o que possibilita que a heterossexualidade seja estabelecida como uma imposição. Ou seja, a heterossexualidade não é apenas uma prática sexual privada, nem mesmo uma escolha que as mulheres fazem ao se relacionarem com homens. Essa leitura de Adrienne Rich nos

possibilita compreender que a relação das mulheres com os homens é atravessada pela dominação masculina, que utiliza do seu poder de diversas maneiras para manter essas mulheres sob seu domínio.

É exatamente esse movimento que a autora faz quando pontua as oito características do poder masculino sobre as mulheres. Portanto, a heterossexualidade não pode ser vista somente como uma escolha individual. Ela é, antes de tudo, uma imposição coletiva. E uma vez imposta, se torna compulsória. Ainda sobre as formas e os efeitos do poder masculino, Rich afirma que:

Algumas das formas pelas quais o poder masculino se manifesta demonstram mais claramente do que outras a imposição da heterossexualidade às mulheres. Mas cada uma daquelas que enumerei se soma ao conjunto de forças dentro de que as mulheres têm sido convencidas que o casamento e a orientação sexual são componentes inevitáveis de suas vidas, mesmo quando insatisfatórios e opressores. O cinto de castidade; o casamento precoce; o apagamento da existência lésbica (exceto como exótica e perversa) na arte, na literatura e no cinema; a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas formas bastante óbvias de compulsão, as duas primeiras exemplificando a força física, e as duas seguintes, o controle da consciência (RICH, 2019, p. 48).

Daí que surge o conceito de Heterossexualidade Compulsória, e através da compreensão desse conceito que conseguimos perceber o quanto é necessário um movimento de análise da heterossexualidade que vá para além do âmbito privado e individual. Pois o que até hoje ainda é naturalizado, lido como uma escolha pessoal, na realidade é a base de um sistema, que se estabelece através da dominação das mulheres.

Em diálogo com a obra de Adrienne Rich, a autora Tânia Navarro Swain também faz alguns apontamentos importantes para a leitura da heterossexualidade como uma categoria de análise ao observar que:

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social (SWAIN, 2010, p. 47).

Levando em conta a perspectiva de Swain (2010) a heterossexualidade deve ser lida nesse contexto de construção de conhecimento como uma categoria de análise. E sendo assim, através da contribuição da autora, conseguimos identificar a extensão que a

heterossexualidade tem dentro da esfera política e social, visto que está imbricada em um processo de dominação física e psicológica. Onde existe o sujeito que se apropria do outro (homens) e o sujeito que é apropriado (mulheres) (SWAIN, 2010).

Todas as autoras citadas até agora neste capítulo direcionaram suas pesquisas no sentido de apresentar a heterossexualidade como uma categoria de análise. Ambas percebem que o que ainda é lido na nossa sociedade dentro de uma perspectiva individual e privada, como uma prática sexual despolitizada, é na verdade uma instituição política e social.

Posto isso, acredito que esse pequeno compilado que apresentei sobre o que é a heterossexualidade compulsória, apresentada através do diálogo entre essas autoras, é importante para fazer com que fique mais claro o significado do conceito. Meu objetivo é que seja possível perceber a maneira como ele se aplica na realidade material e imaginária das mulheres, atravessando diferentes espaços da nossa vida, sendo um deles, as próprias séries da Netflix, que é o meu objeto de análise.

2.2. Os problemas nos relacionamentos amorosos

Após apresentar o conceito de Heterossexualidade Compulsória, tendo como base teórica os estudos de Wittig e Rich. O meu objetivo nesta parte do capítulo é demonstrar como esse conceito aparece, e como ele se aplica na nossa realidade enquanto mulheres lésbicas ou bissexuais.

Dando continuidade na maneira como analisei as séries da Netflix no primeiro capítulo, apresento agora algumas questões problemáticas em torno dos relacionamentos amorosos das personagens lésbicas e bissexuais que compõem as séries *Feel Good, I'm Not Ok With This* e *Gatunas*.

Uma das primeiras observações que é possível fazer sobre experiências de mulheres lésbicas e bissexuais nas produções da plataforma, é a dificuldade que os roteiros de séries da Netflix têm em apresentar um “clichê água com açúcar”. As histórias sempre apresentam problemas e conflitos que ultrapassam a lógica da comédia romântica, em que o maior desafio dos personagens é conquistar um ao outro. Com isso, as experiências de relações presentes nessas séries carecem de um final feliz, e de uma trama menos conflituosa.

Aqui, quando se trata de relações lésbicas, a construção da narrativa sempre se dá a partir de questões como problemas relacionados a preconceito, heterossexualidade

compulsória, conflitos com a família, e limitações emocionais das personagens. O que não se repete tanto quando se trata das comédias românticas com casais heterossexuais.

De fato, casais homossexuais enfrentam problemas que casais heterossexuais não enfrentam, e meu objetivo aqui não é questionar isso, pois eu sei bem que as experiências homoafetivas são atravessadas por questões como o preconceito, a heterossexualidade compulsória e toda uma gama de sequelas emocionais provenientes desse modelo heteronormativo em que vivemos na nossa sociedade.

É importante ressaltar que em minha análise eu compreendo que essas questões são todas faces da mesma moeda. Ou seja, o preconceito, a heterossexualidade compulsória e as sequelas emocionais deixadas por esse sistema na vida de mulheres lésbicas e bissexuais, são “frutos da mesma árvore”: O pensamento heterossexual como ponto de partida.

Meu objetivo é questionar o porquê na maioria das histórias das séries presentes na plataforma (para não dizer todas elas) o foco central é nesses problemas em si, e não no romance das personagens ou em outras esferas positivas de suas vidas. Ou seja, por que as séries da Netflix não apresentam uma história clichê para esses casais?

A plataforma tem várias comédias românticas com finais felizes e roteiros mais simples quando se trata de casais heterossexuais. Por que o mesmo não acontece com os casais lésbicos das séries analisadas? Meu objetivo não é dar conta de responder a todas perguntas, mas pelo menos ressaltar porque é importante fazer essas perguntas.

Abaixo analiso como essas questões aparecem nos títulos das séries que são trabalhadas ao longo da minha monografia.

2.3 Relações lésbicas: A festa da instabilidade emocional

Em *Feel Good*, o relacionamento entre Mae e George é retratado como uma relação de dependência emocional por parte de Mae, que trazendo para o convívio entre as duas o trauma da relação ruim com os pais, acaba por estabelecer um vínculo tóxico com sua namorada. E George, por sua vez, é colocada como uma personagem que “fica em cima do muro”, sendo uma mulher que não tem ferramentas adequadas para lidar com as questões de uma relação lésbica, como por exemplo, o desafio de se assumir para a família e amigos. Dessa maneira, a primeira temporada da série mostra como essas questões tornaram o relacionamento amoroso das personagens turbulento e problemático.

Outro ponto problemático que *Feel Good* traz em sua trama, aparece mais no final da primeira temporada, quando George e Mae tem uma briga e rompem com o relacionamento. Mae tem uma recaída no seu vício em cocaína, e acaba se envolvendo em uma situação com seu colega do grupo de apoio para ex-viciados. Nessa cena, Mae, ao estar muito mal com o rompimento de seu relacionamento com George, vai para casa do seu colega e lá eles se drogam, e ela resolve tentar transar com ele.

Em uma cena de revirar o estômago de quem assiste, por ser agonizante perceber o estado da personagem, a questão da heterossexualidade compulsória aparece com força. Nesse momento, o roteiro de série, que retrata duas personagens bissexuais em um relacionamento amoroso lésbico extremamente turbulento e problemático, coloca uma das personagens para se relacionar sexualmente com um homem logo após o rompimento dessa relação, na tentativa de amenizar a dor do término.

Ao fazer isso, o discurso presente dentro da história da série deixa subentendido que uma relação entre duas mulheres é sempre problemática. E que ao se romper com essa relação, uma das saídas possíveis para essas mulheres é tentar achar a solução se relacionando com um homem. Analisando essa situação através do entendimento do que é a heterossexualidade compulsória, podemos refletir como que a relação entre duas mulheres é colocada constantemente em uma trincheira, um lugar conflituoso e antinatural.

O discurso heterossexual faz isso em sua linguagem, pois, como apontado por Wittig (2006) ele funda a diferença. Nele, a heterossexualidade é vista como algo natural e biológico, logo, o que não é heterossexual é colocado à margem, como “o outro”, o desviante, o indesejável, e logo, o conflituoso. Tendo isso em perspectiva, é possível perceber o quanto a linguagem heterossexual atravessa de maneiras sutis os espaços cotidianos que fazem parte da vida em sociedade. E essa linguagem está presente nas séries da Netflix de maneira íntima.

A história da série *Feel Good* tem várias nuances que podem ser percebidas enquanto um discurso que vem da linguagem heterossexual; e empurra constantemente as personagens Mae e George para a heterossexualidade compulsória. Ao mesmo tempo que a narrativa da série constrói um relacionamento conturbado entre as duas, apresenta também uma segunda possibilidade: a relação heterossexual.

Nessa série as duas personagens são bissexuais, então o tempo todo a história deixa implícito que elas podem ter uma escolha que seja menos conflituosa. Que elas podem escolher se relacionar com homens, e que uma relação heterossexual não terá esses problemas que as duas têm quando estão juntas.

Esse ponto fica mais claro quando nos primeiros episódios da segunda temporada, George aparece se relacionando com seu colega de trabalho da escola, e como essa relação é apresentada de outra maneira. Nela, o homem é gentil, feminista, e tenta ter uma relação estável com George, que por sua vez, é a problemática da relação, a que faz a relação entre os dois dar errado.

Com esse discurso, mais uma vez é possível identificar a ideia de lesbianidade como desvio, como antinatural. Afirmando isso ao observar o fato que, fica explícito na narrativa que George é a pessoa do casal que faz o relacionamento ser problemático. Isso acontece justamente por conta do seu relacionamento passado com Mae. Ou seja, George leva conflitos para o seu relacionamento heterossexual por já ter se relacionado com outra mulher.

Como observado anteriormente, dentro do que Wittig (2006) chamou de “pensamento heterossexual”, existe um discurso que atravessa todos os espaços, sejam estes políticos ou sociais. Esse discurso, ao passo que naturaliza a heterossexualidade, colocando-a enquanto norma, naturaliza a homossexualidade como um desvio. Sobre isso Wittig nos diz que:

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade. (...) Estes discursos de heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles (WITTIG, 2006, p.49, tradução nossa).

Através dessa reflexão, Wittig (2006) argumenta que esses tipos de discursos oprimem as nossas experiências, uma vez que só nos permite falar se for em seus próprios termos. Ou seja, aqui a existência lésbica só é representada dentro da linguagem heterossexual, e por isso, distorcida, colocada em uma perspectiva negativa e problemática.

Ainda pensando a respeito das problematizações que podem ser feitas na maneira como as experiências lésbicas aparecem em *Feel Good*, um dos pontos que mais me chamou atenção é o jeito como as personagens são retratadas como emocionalmente instáveis em toda a narrativa, construindo laços de afeto turbulentos por onde passam. Essa característica atravessa o roteiro da maioria das séries presentes na plataforma que possuam personagens lésbicas ou bissexuais.

O fato disso acontecer repetidas vezes diz de uma escolha discursiva, que vem de um lugar político estabelecido através de relações de poder. O que eu quero dizer com isso? Quero dizer, que não é à toa que uma série da Netflix apresenta as experiências lésbicas de forma distorcida e turbulenta. Essa apresentação diz de uma linguagem, e essa linguagem vem

de um lugar: a heterossexualidade enquanto regime político. Sobre isso Wittig nos aponta que: “A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade” (WITTIG, 2006, p.54, tradução nossa).

Wittig (2006) demonstra que o discurso heterossexual irá sempre falar através de sua própria linguagem, que ao universalizar a heterossexualidade enquanto natural e inerente aos processos históricos que constituem nossa sociedade, conseqüentemente irá distorcer e deslegitimar todas as experiências que não se encaixem nela. Wittig argumenta durante todo o seu ensaio intitulado *O pensamento Heterossexual* que

Essa tendência à universalidade tem como conseqüência que o pensamento heterossexual é incapaz de conceber uma cultura, uma sociedade, na qual a heterossexualidade não ordena não apenas todas as relações humanas, mas também sua produção de conceitos (WITTIG, 2006, p. 52, tradução nossa).

Sendo assim, é importante perceber como essa universalização da linguagem, pautada na heterossexualidade enquanto inerente à natureza humana, se apresenta em diferentes espaços que compõem o nosso cotidiano, possuindo o poder de fazer parte da nossa construção enquanto sujeitos. Ao fazer esse movimento reflexivo em torno da maneira como somos representadas nesses espaços, ocupamos um lugar político e crítico que não se contenta com a condição imposta à nossa existência, saindo do lugar antinatural em que fomos colocadas.

2.4 Como você sabe se é lésbica se nunca tentou com um homem?

Em *I'm not ok with this*, a protagonista Sidney Novak também enfrenta questões problemáticas em torno de sua vida amorosa. A série retrata a personagem na fase de descoberta da sexualidade na adolescência, e assim, Sydney se vê pela primeira vez apaixonada por uma garota, que é sua melhor amiga Dina, uma mulher hétero que namora o garoto mais popular da escola.

Nesse ponto, é possível destacar que o enredo da série logo de início já constrói uma experiência negativa na lesbianidade de Sidney, uma vez que coloca a personagem em descoberta de sua sexualidade apaixonada por uma mulher hétero, logo, passando a ideia de um desejo que está fora de seu alcance.

A história da menina que se apaixona pela melhor amiga hétero é um signo que povoa o imaginário de muitas mulheres lésbicas. Ter esse estereótipo reforçado dentro de uma série que é assistida por milhares de pessoas só reforça essa experiência como algo quase inevitável.

É preciso que outras experiências também sejam representadas nesses espaços, para que seja possível superar os estereótipos que se tem sobre nossas vivências. Temos que vislumbrar outras possibilidades de afeto que ultrapassem a lógica da paixão inalcançável pela amiga hétero.

Mas a questão mais problemática que a série apresenta se dá em torno da heterossexualidade compulsória em que a personagem Sidney é submetida ao longo dos episódios. Uma das frases que atravessam a maioria das experiências de mulheres lésbicas é: “Como você sabe que é lésbica se nunca experimentou se relacionar com um homem?”. E essa frase fica estampada no discurso narrativo do roteiro de *I'm not ok with this*.

Nesse ponto da história, Sidney conhece Stanley Barber, um menino que mora na mesma rua dela. No início do roteiro tudo indica que os dois terão uma amizade, mas logo depois fica claro que Stanley tem intenções românticas com Sidney, que ao longo dos episódios tenta constantemente se envolver com a garota, mesmo ela demonstrando que não estava interessada.

No decorrer dos episódios, Sidney e Stanley vão se aproximando. Paralelamente a essa aproximação dos dois, a narrativa da série mostra as questões da sexualidade de Sidney, abordando assuntos como a perda da virgindade. No início da série, Sidney ainda é virgem, e todo o alvoroço de sentimentos da adolescência faz com que ela comece a se questionar sobre sua sexualidade.

Ao longo da narrativa fica claro que Sidney gostaria de ter sua primeira relação sexual com outra mulher. É possível fazer essa afirmação porque durante todos os episódios a personagem está apaixonada pela melhor amiga Dina. Porém quando ela se vê atordoada por dúvidas e questões em torno da sua sexualidade, acaba cedendo e tendo relações sexuais com Stanley.

A narrativa onde a menina com dúvidas sobre sua sexualidade resolve se relacionar sexualmente com um homem “para ter certeza se gosta ou não” traz em seu discurso a ideia de que “para você saber se não gosta tem que tentar primeiro”. E esse discurso é uma das ferramentas de linguagem que empurra as mulheres em direção a heterossexualidade compulsória.

Tânia Navarro, ao falar sobre as ferramentas utilizadas pelo pensamento heterossexual, aponta que a “virgindade e as diferentes formas de apropriação do corpo e da consciência das mulheres exprimem este destino sexuado: é a relação sexual e afetiva com um homem que as faz penetrar no social e no político.” (SWAIN, 2010, p. 49). Sendo assim, é possível perceber o quanto o discurso presente na cena em que Sidney se relaciona com Stanley faz parte do tecido social em que vivemos e estabelece relações que adentram o imaginário das mulheres ensinando maneiras de ser e agir. Sobre isso Swain complementa essa reflexão ao dizer que:

As mulheres são, assim, através das pedagogias sociais múltiplas, persuadidas e inseridas em redes representacionais que lhes conferem sentido social apenas ao realizarem seu “destino de mulher”: a procriação em uma relação afetiva e socioeconômica com um homem, uma relação que se baseia e funciona a partir do sexo e da sexualidade reprodutiva, ou seja, da heterossexualidade compulsória (SWAIN, 2010, p.50).

Trazer esse tipo de discurso em um espaço tão disseminado e consumido, principalmente pelo público jovem, é algo a ser questionado e problematizado. Mulheres lésbicas, ao se confrontar com seu processo de descoberta, muitas vezes não possuem muitas referências. E como aponta Deporte (2017) espaços culturais e midiáticos como as plataformas de streaming, são lugares potencialmente pedagógicos. Ou seja, muitas vezes são os lugares onde essas mulheres buscam as referências que influenciam em seus comportamentos.

Portanto, situações como essa narrada em *I'm Not ok with this* precisam ser pensadas com mais responsabilidade, visto que a heterossexualidade compulsória é algo que atravessa as experiências da maioria das mulheres lésbicas, deixando traumas que poderiam ser evitados se tivéssemos referências mais responsáveis com as nossas vivências.

Com essa perspectiva colocada em discussão, portanto, é possível perceber que, o que parece ser somente uma narrativa criada para o entretenimento, está na verdade carregado de um discurso político. E constitui uma linguagem que não é neutra, pois ao estabelecer uma relação com seu espectador, a série tem o poder de ensinar comportamentos. Esses comportamentos ao serem reforçados em diversas outras narrativas presentes na plataforma, conferem um tom de verdade a esse discurso.

2.5 Você quer uma namorada ou uma mãe?

Para finalizar a sequência de conflitos amorosos que as personagens lésbicas ou bissexuais enfrentam nas séries que escolhi como objeto de análise, a série *Gatunas* também contribui com um forte exemplo para retratar a maneira como as experiências românticas dessas mulheres são construídas nesses artefatos midiáticos.

Em *Gatunas*, a personagem lésbica, Elodie Davis, se apaixona por Sabine, uma cantora de Rock local. Sabine é bem mais velha que Elodie, e durante a narrativa da série é apresentada como uma mulher inconstante, que está sempre viajando em turnê com sua banda; e, portanto, nunca se estabelece em um relacionamento amoroso com alguém por muito tempo.

Nessa série, Elodie é uma entre as 3 personagens principais que compõem a trama, as outras duas personagens são Moe e Tabitha, duas mulheres heterossexuais. Ao estabelecer um paralelo entre as experiências amorosas de Elodie, em comparação com as de Moe e Tabitha é possível perceber que, os relacionamentos heterossexuais são representados com personagens que possuem a mesma idade.

Estou fazendo essa observação porque, como pontuei no primeiro capítulo, é muito comum que nas séries da plataforma, as personagens lésbicas ou bissexuais tenham uma relação conflituosa ou de falta com a sua figura materna. E essa narrativa se repete duas vezes na experiência da personagem Elodie, que ao mesmo tempo que perdeu sua mãe em um acidente de carro e ainda está passando pelo processo de luto, se apaixona por uma mulher muito mais velha que ela, fazendo com que essa paixão estabeleça também uma relação de figura maternal para a personagem. O mesmo não acontece com suas amigas heterossexuais, que se relacionam com garotos da mesma faixa etária que elas, e paralelamente a isso, ambas possuem mães presentes e amorosas.

Esse tipo de narrativa, como eu já chamei atenção, se repete na maioria das séries da plataforma que possuem personagens lésbicas ou bissexuais, e no caso de *Gatunas* não é diferente. Em uma cena entre o casal, Sabine dá conselhos a Elodie, que ainda enfrenta questões da adolescência. E nesse momento fica muito nítida a intenção de fazer com que Sabine estabeleça uma figura materna para Elodie, reafirmando mais uma vez o estereótipo que relaciona a lesbianidade com procura de uma figura materna.

Ao fazer essa comparação de como são representadas as relações românticas das 3 personagens principais da série, fica evidente que a escolha narrativa que coloca mais uma vez a mulher lésbica com a falta de uma figura materna acompanhada de uma relação amorosa inconstante e turbulenta com uma mulher mais velha não é inocente.

Os discursos presentes nesses artefatos midiáticos dizem de um lugar político, que precisa ser problematizado. Como aponta Monique Wittig ao enfatizar que

os problemas supostamente subjetivos, “individuais” e “privados” são, de fato, problemas sociais, problemas de classe; que a sexualidade não é, para as mulheres, uma expressão individual e subjetiva, mas uma instituição social e violenta (WITTIG, 2006, p.42, tradução nossa).

Portanto, se quisermos ter uma representação mais fiel às nossas reais experiências e demandas, precisamos também nos questionar de forma crítica quais são as representações que esses espaços fazem de nossas vivências. Uma vez que o que parece ser somente uma narrativa de uma série feita para o entretenimento, é uma ideia real do lugar que pensaram para nós na sociedade.

Precisamos nos perguntar de forma crítica e realista: É um lugar confortável e saudável, onde podemos viver com bem estar físico e emocional? Enquanto mulheres lésbicas e bissexuais, é nosso dever individual e coletivo lutar para que um dia a resposta para essas perguntas seja “sim”.

2.6 Nós sabemos amar sim!

Durante a minha reflexão feita neste capítulo meu objetivo não foi necessariamente vilanizar essas narrativas, uma vez que histórias como essas realmente acontecem nas experiências de mulheres Lésbicas e bissexuais. Minha intenção foi problematizar os possíveis motivos que fazem com que histórias como essas se repitam com tanta frequência nos roteiros de diversas séries presentes na plataforma. Será que existe somente essa experiência possível para mulheres que se relacionam com outras mulheres? Por que essa história se tornou tão recorrente?

Estabelecer um olhar crítico ao que parece ser uma característica apenas do âmbito pessoal, é um ato político, uma vez que as relações lésbicas são atravessadas por construções sociais. Construções essas que são apropriadas pela mídia, que através de artefatos como filmes e séries, estabelecem maneiras de agir e influenciam na construção de subjetividades dos sujeitos, como pontuado pelas autoras Daniela Auad, Sabrina Lopes e Cláudia Lahni ao discutirem a importância das representatividades de mulheres lésbicas e bissexuais nesses espaços, pontuando que:

“Tais processos e sentimentos têm significativa importância para a vida de mulheres lésbicas e bissexuais, assim como para todas as pessoas. Nas telas figuram possíveis modos de ser, de sentir, de se deslocar e sair dos lugares inicialmente pensado para mulheres (...)” (AUAD; LOPES; LAHNI 2020, p.4).

Em diálogo com as autoras, portanto, é preciso refletir sobre a importância e o impacto que essas séries têm na vida dessas mulheres. Se os filmes e séries têm, em grande medida, o potencial de evidenciar e ensinar maneiras de ser e de viver no mundo, porque que esses artefatos midiáticos utilizam de sua visibilidade para disseminar uma imagem negativa das experiências de lesbianidade?

Até então, essas imagens passam a ideia de que lésbicas e bissexuais são mulheres que têm vários problemas emocionais, não conseguem estabelecer relacionamentos amorosos estáveis e buscam em suas companheiras a figura de uma mãe que lhes foi negada em algum momento de suas vidas.

Estamos falando de relações de poder e politização dos afetos, e levando em consideração o que Paula Deporte argumenta sobre os espaços pedagógicos da vida contemporânea, podemos considerar que:

“Esta multiplicidade de espaços pedagógicos parece evidenciar que há, cada vez mais, pedagogias nos conduzindo em diversos domínios da vida cotidiana. Os artefatos culturais, como revistas, anúncios publicitários e almanaques não são neutros ou imunes em relação a isso (...)” (DEPORTE, 2017. p.14).

Sendo assim, essas séries, como artefatos culturais presentes na vida de milhares de pessoas, também não são neutras quando mostram em seus enredos experiências lésbicas atravessadas por problemáticas distorcidas, em uma ótica implicitamente negativa sobre a lesbianidade.

Fazer o movimento de desconstruir esses estigmas que são construídos sobre nós em diferentes espaços de interação social é um ato político. É importante ressaltar essa observação, visto que ela se estabelece em uma via de mão dupla. Por um lado, permite perceber a lesbianidade como uma realidade possível, que pode possibilitar experiências positivas, e uma boa qualidade de vida. Por outro, constrói um movimento de combate direto à heterossexualidade compulsória, de modo que questiona os discursos hegemônicos que naturalizam a heterossexualidade em detrimento da leitura da homossexualidade enquanto desvio.

O amor entre duas mulheres é muito mais rico do que o que é colocado para nós enquanto possibilidade de experiência nas séries que analisei. Um espaço que tenha um

compromisso ético e político com seus interlocutores precisa ter isso em mente. O afeto lésbico é atravessado por uma dinâmica horizontal, que combate diretamente a misoginia. A troca de experiências que acontece dentro de uma relação lésbica está colocada em um lugar de trincheira na sociedade, uma vez que rompe com a heterossexualidade compulsória. Margarita Pisano ressalta isso ao dizer que

(...) as lésbicas não só transgridem a esse mandato histórico de subordinação ao masculino, senão que, ao mesmo tempo, possuem a potencialidade de curar-se da própria misoginia para se re-simbolizar, não em função de outro, mas de si mesmas (PISANO, 2001 p.76, tradução nossa).

Trazendo os pensamentos de Pisano para a reflexão, nossa realidade é, portanto, transgressora de uma “ordem do dia” histórica. Não nos curvamos a norma heterossexual. Essa transgressão é lida pelo discurso hetero como desvio, e traduzida nas narrativas analisadas, através dos problemas e situações que atravessam a construção dessas personagens lésbicas e bissexuais. Para refletir sobre essas questões que estão presentes nas experiências lésbicas Adrienne Rich traz uma ótima contribuição ao dizer que:

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição de um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto ou indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é mais do que isso, embora comecemos a percebê-la primeiro como uma forma de dizer não ao patriarcado, um ato de resistência (RICH, 2019, p.66).

Pensando através desse apontamento da autora, é possível colocar mais uma vez a perspectiva de que a existência lésbica é um lugar político, visto que vai contra toda uma instituição que é munida de uma linguagem própria, a qual chamamos de heterossexualidade compulsória. Por ocupar esse lugar de resistência, conseqüentemente, a lesbianidade está constantemente suscetível a ser lida de forma distorcida nos espaços onde a linguagem heterossexual predomina como discurso hegemônico.

Ter isso em perspectiva possibilita que nós tenhamos ferramentas adequadas para entender como esses processos de representação das nossas experiências se dão na grande mídia, ao mesmo tempo que também nos mune de um olhar crítico o suficiente para que possamos colocar sob suspeita essa linguagem que distorce as nossas experiências

Não basta sermos representadas, é preciso que essa representação seja feita de uma maneira positiva, exaltando também as qualidades e alegrias que atravessam nossas existências. Somente dessa maneira, os estigmas que nos atravessam poderão ser

desconstruídos, abrindo possibilidades para que se perceba a lesbianidade como uma realidade possível, e fazendo com que possamos cada vez mais questionar e colocar a heterossexualidade compulsória em cheque nos diferentes espaços que atravessam nosso cotidiano, sendo um deles, os artefatos midiáticos como as séries da Netflix.

Conclusão

Ao longo do meu trabalho, eu busquei evidenciar e problematizar a maneira como as experiências de lesbianidade são representadas em algumas séries da Netflix. No decorrer desse movimento de pesquisa, foi possível perceber como o discurso da heterossexualidade está presente nessas experiências.

Lembrando que, quando eu falo em heterossexualidade, estou falando em uma instituição política, e em toda uma linguagem que trabalha em favor da manutenção dessa instituição. Sendo assim, acredito que um dos resultados que pude observar ao longo da minha monografia é a compreensão da importância do olhar crítico para esses espaços que de momento parecem “inofensivos” ou “neutros”. Digo isso levando em conta que o recorte que utilizei em minha análise parte de um lugar que muitas vezes é visto apenas como “mero entretenimento”.

Dentro dos limites do meu estudo, portanto, foi possível dar início a um movimento de reflexão que coloque sob suspeita a forma como nossas experiências aparecem nesses espaços. E esse movimento precisa partir de um lugar político, crítico, que leve em consideração os elementos estruturais que estão por trás dessas narrativas. Sendo assim, para além desse número limitado de páginas que contém a minha pesquisa, acredito ser muito importante que sigamos destrinchando esse assunto. E o campo de estudos e os conceitos que utilizei têm muito a oferecer como potencial de novos estudos a respeito do tema.

Dessa maneira, espero ter conseguido contribuir para o movimento que vem sendo estabelecido, principalmente pelas mulheres lésbicas, de politizar e historicizar a nossa existência, através da pesquisa. Ocupando espaços onde possamos falar de nós, e construir nossas próprias narrativas.

Algumas palavras finais... A representatividade não é um luxo

“Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências.”

Audre Lorde

Essas palavras de Audre Lorde estão na transcrição de uma de suas conferências que foram transcritas no livro “Irmã outsider”. O texto em questão se chama “A transformação do

silêncio em linguagem e ação”, e serviu como base para eu pensar que mensagem gostaria de deixar na conclusão deste trabalho.

Preciso falar o que me é importante, o que me atravessa, e que sei que também atravessa a vivência de muitas mulheres lésbicas. Somos plurais, mas temos algo em comum: somos mulheres que amam mulheres, e isso tem um peso político revolucionário que precisa ser reconhecido, logo, precisa ser compartilhado.

Enquanto ficarmos em silêncio por medo de ser mal compreendidas, continuaremos permitindo que os outros definam quem somos. Audre Lorde aponta sobre a importância de quebrar o silêncio, tomando “a decisão de definirmos quem somos, nos darmos nome, falarmos por nós, em vez de nos deixarmos definir pelos outros, ou deixar que os outros falem por nós.” (LORDE, 2019, p.52).

Minha pesquisa foi pensada e desenvolvida como uma maneira de denunciar os silêncios cotidianos que a cultura ocidental submete as mulheres lésbicas, e ao mesmo tempo, usar a linguagem e a minha escrita como uma maneira de falar sobre quem somos, não somente me contentar com a maneira como os outros nos define.

Como eu tentei demonstrar em minha análise crítica sobre as séries *Feel Good, I'm not ok with this* e *Gatunas*, na cultura hegemônica, nossas vidas são vistas através da distorção. E essa distorção, ao mesmo tempo que espalha uma ideia negativa sobre a lesbianidade, nos ensina maneiras “certas e erradas” de se comportar perante a sociedade.

Essas distorções parecem corriqueiras e inofensivas quando aparecem sutilmente em espaços informais como um seriado da internet, mas não são. São distorções poderosas, que nos silenciam, e limitam a nossa capacidade em imaginar experiências para além da heterossexualidade compulsória.

Audre Lorde fala em seu texto sobre a importância de nós lutarmos diariamente contra as tiranias do silêncio. E nos invoca a fazer uma transformação do silêncio em linguagem e ação (LORDE, 2019). Portanto, antes de servir de base para pensar a maneira certa de concluir esse trabalho, as palavras dessa autora serviram de força para que eu escrevesse sobre esse tema.

Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? (LORDE, 2019, p.50 e 51).

Existem muitas palavras que eu ainda não tenho, e é reivindicando o meu lugar político de mulher lésbica que a cada dia que passa eu consigo ter cada vez mais palavras para

me definir. São as mesmas palavras que nos possibilita compreender as raízes da nossa opressão. E por isso acreditei ser importante falar sobre a profunda distorção das vivências lésbicas nessas séries.

As tiranias do silêncio estão escondidas em muitos espaços da nossa existência, e muitas vezes engolimos esses pequenos silêncios a seco durante anos, até que nos cansamos. Acredito que para que seja possível encontrar referências reais e saudáveis no nosso cotidiano, é preciso que a gente reivindique os espaços onde esse cotidiano é construído. Seja na fila do banco, na maneira como um casal lésbico é tratado quando entra de mãos dadas em uma loja de roupas, ou na forma como vemos nossos afetos sendo representados em um filme ou uma série.

É preciso que existam outras possibilidades de representação e leitura da lesbianidade em espaços como as séries da Netflix. Não é o suficiente sermos representadas através de lentes que destacam somente problemas, conflitos familiares, e heterossexualidade compulsória. Precisamos de narrativas que dêem conta de mostrar nossas experiências de forma positiva e mais complexa, ressaltando as nossas alegrias e vitórias, mostrando a vivência lésbica como algo normal.

O sentimento de amor entre duas mulheres precisa ser lido e representado como sinônimo de bem estar, como uma possibilidade real de vida. E lutar para que isso aconteça é lutar pelo direito das mulheres terem escolhas sobre suas próprias vidas, e por uma sociedade mais justa e democrática.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Paula. Artefatos culturais midiáticos e Pedagogias Culturais: Uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In: **38ª Reunião Nacional da ANPEd**, UFMA, São Luís, 2017, 1 a 5 de outubro de 2017.

ANDRADE, Paula; COSTA, Marisa. Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: Invenção, disseminação e usos. In: **Educação em Revista**, nº 33, Belo Horizonte, 2017.

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Diversidade, Direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia. In: **Revista Eptic Online**, São Cristóvão, vol.15, nº 3, set./dez. 2013, p. 117-130.

CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência In: **Esta puente, mi espalda: voces de las tercermundistas en los Estados Unidos**. São Francisco, USA: ISM Press, 1988.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012.

FEEL Good. Criação de Mae Martin e Joe Thompson. Reino Unido: Netflix, 2020. Son, color.

GATUNAS. Criação de Amy Anderson, Emily Meyer e Kristen “Kiwi” Smith. EUA: Netflix, 2019. Son, color.

I AM not ok with this. Criação de Jonathan Entwistle e Christy Hall. EUA: Netflix, 2020. Son, color.

LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Feminismos e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transexuais em série. In: **Laplage em Revista**, Sorocaba, vol.4, nº1, p. 92-108.

LAHNI, Cláudia Regina; LOPES, Sabrina; AUAD, Daniela. Lésbicas e Bissexuais em Narrativas adolescentes: um olhar feminista sobre produções seriadas para TV e Internet. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, Rio Grande, Junho 2020, p. 230-252.

LESSA, Patrícia. O que a história não diz não existiu: A lesbiandade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres. In: **Em tempos de Histórias**, nº 7, 2003.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

OLIVEIRA, Luana Farias de. **Imposição hétero, interdição lésbica**: a heterossexualização de mulheres. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Surada Ediciones, jan. 2001. Livro em PDF.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e Existência Lésbica e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

SILVA, Zuleide Paiva da. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02, Abr./Jun. 2018.

SWAIN, Tânia Navarro. 2010. Desfazendo o natural: a heterossexualidade compulsória e o continuum lésbico. **Revista Bagoas**, nº5, p. 45-55. Disponível em: https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art02_navarro-swain.pdf>. Acesso em Maio de 2022.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Editora Egales, 2006.